

Aspectos pré-históricos pleistocênicos do projeto arqueológico Manguinhos e suas potencialidades

*Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão**

INTRODUÇÃO

O Projeto "Sítios Pré-históricos e Megafauna Extinta no Brasil", coordenado pela autora da presente comunicação, relaciona-se a sítios arqueológicos que por sua antiguidade são indiscutivelmente contemporâneos de uma fauna de grande porte (megafauna) que se extinguiu há cerca de 11.000 anos, isto é, no fim do pleistoceno ou no início do holoceno.

Os sítios arqueológicos, objeto de nossos estudos intensivos, dentro do projeto em causa, podem ser agrupados cronologicamente em:

1º) Sítios do Pleistoceno Superior (situados entre 11.000 e 130.000 de anos como, por exemplo o sítio Alice Boër — SP).

2º) Sítios do Pleistoceno Médio (situados entre 130.000 e 1.000.000 anos como os de Itaboraí e Manguinhos — RJ e Toca de Esperança — BA).

O sítio arqueológico de Manguinhos foi descoberto em 1966. Na ocasião, em um corte de estrada, na área do Instituto Oswaldo Cruz, foi verificada a existência de vestígios de duas ocupações holocênicas, isto é, de menos de 11.000 anos. Uma delas correspondente a uma ocupação Tupi-Guarani (Tupinambá), situada provavelmente dentro da faixa cronológica de 500 d.C. a 1.500 d.C.. A outra, também Tupinambá, correspondente ao aldeamento de Payó, registrado por Jean de Léry em 1557.

Manguinhos foi "re-descoberto" por Beltrão em 1986, isto é, 20 anos depois da descoberta da aldeia e do aldeamento Tupinambá, quando verificou a existência de ocupações pleistocênicas muito mais antigas.

Os materiais arqueológicos dessa época pleistocênica são constituídos, essencialmente, por uma indústria lítica cuja matéria-prima é, de modo geral, quartzito. Eles existem sob a forma de artefatos nas camadas IV e VI. Os ossos e dentes de *Equus* encontrados na camada VI deixam em aberto a possibilidade de tratar-se de animal da mesma época, entre outras razões pelo fato do animal não apresentar fraturas recentes. Não está excluída a possibilidade de se tratar

* Arqueóloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro

de um *Equus* do período histórico — que teria sido utilizado nas experiências do Instituto Oswaldo Cruz — e que também teria sido, de alguma maneira, introduzido na camada pleistocênica, isto é, de mais de 11.000 anos. Dois fragmentos ósseos e um dente (molar) desse cavalo fóssil (?) foram enviados ao Institut Dolomieu, em Grenoble, para datação pelo método de Ressonância Paramagnética Eletrônica, a cargo do Dr. Gérard Poupeau, sob supervisão técnica do Dr. Jacques Danon.

Independentemente do *Equus* ser antigo ou recente, os artefatos líticos encontrados nas camadas IV e VI, comprovam indiscutivelmente, uma ocupação humana pleistocênica em Manguinhos.

LOCALIZAÇÃO

O sítio arqueológico de Manguinhos está situado dentro da área onde está sediado o Instituto Oswaldo Cruz, na Av. Brasil, 4365, na cidade do Rio de Janeiro.

PROSPECÇÕES E ESCAVAÇÕES

Depois de várias prospecções nas superfícies colinosas, encontradas dentro dos limites do Instituto Oswaldo Cruz, optamos, inicialmente, por escavar naquela onde se situa a Casa Amarela.

Essa elevação é constituída por camadas coluvionais quaternárias que podem atingir vários metros de altura.

Num dos bordos da colina onde há hoje uma creche, na camada correspondente a um antigo mangue, por ocasião do aplainamento do terreno, feito por trator, foram encontrados os ossos e dentes do *Equus*, já referido (*Equus* existiram no Brasil há muitas dezenas de milhares de anos, tendo-se extinguido há uns 11.000 anos. Foi, posteriormente, reintroduzido pelos europeus).

As camadas de mangue, quando contêm restos de ocupação humana, são, de modo geral, de vital importância para o arqueólogo porque costumam preservar bem os materiais orgânicos. Aliás, entre os materiais orgânicos passíveis de serem encontrados neste tipo de camada existente em Manguinhos, alguns poderão se transformar em objeto de estudo no Instituto Oswaldo Cruz, desde que se encaixem na constelação de técnicas de pesquisa, tradicionalmente executadas pela instituição.

ASPECTOS MORFO-ESTRATIGRÁFICOS

Os sítios pré-históricos de Manguinhos estão localizados em superfícies colinosas de encosta — “rampa” — pouco íngremes.

As vertentes prospectadas apresentaram nas camadas superficiais uma seqüência de colúvios com,

pelo menos, uma linha de seixos composta de fragmentos subangulosos de quartzo (cascalheira).

Essa cascalheira tem importante significado regional.

A litologia da cascalheira permite inferir que ela se formou sob condições torrenciais, embora os seixos e fragmentos de quartzo não devam ter sido carregados muito longe da área fonte.

O clima à época da formação da cascalheira deve ter sido semi-árido.

A estratigrafia dessas superfícies colinosas, em Manguinhos, reflete as fases erosivas e de sedimentação do Quaternário.

Como Itaboraí (vide "Relatório de Atividades: Itaboraí"), Manguinhos tem condições de se transformar em sítio de referência. Não só pode vir a contribuir para a determinação da idade de outros sítios arqueológicos localizados em "rampas", como para vir a subsidiar a interpretação geocronológica de cascalheiras registradas em vários pontos do Brasil Meridional.

Há, portanto, necessidade de trabalho conjugado do arqueólogo com o geomorfólogo para permitir a busca de um melhor equacionamento da dinâmica paleoambiental na área em estudo.

Elaboramos uma cronoestratigrafia preliminar para entender melhor as relações estratigráficas do sítio.

Cronoestratigrafia (provisória)

I.	Camada húmida	período histórico recente	Instalação de Manguinhos.
II.	Camada coluvial	período histórico antigo	Faz. do Séc. XVIII aldeamento Tupinambá (Séc. XVI).
III.	Camada coluvial	período pré-histórico	Aldeia Tupinambá (de idade situada entre 500 e 1.500 d.C. — ocupação holocênica).
IV*.	Camada de cascalho	período pré-histórico	Ocupação do Pleistoceno Médio (130 mil a 1 milhão de anos) artefatos líticos.
V*.	Camada coluvial arenosa	período pré-histórico	Pleistoceno Superior (130 mil a 11 mil anos). Não foram ainda achados artefatos.
VI*.	Camada de mangue fóssil	período pré-histórico	Ocupação do Pleistoceno Superior (130 mil a 11 mil anos) — artefatos líticos.

(*) - Há uma aparente inversão da estratigrafia, ficando a camada IV, mais velha, acima das camadas mais recentes, V e VI, fato este que está de acordo com o modelo de retrabalhamento do colúvio proposto por Moura e Meis (1980).

A seqüência estratigráfica de Manguinhos é composta de, pelo menos, 6 camadas bem nítidas. Uma delas é constituída por uma camada de seixos e fragmentos de quartzo onde existem numerosos artefatos pleistocénicos. Além dessa há artefatos pleistocénicos na camada correspondente ao antigo mangue.

ARTEFATOS

O homem pré-histórico já encontrou no local, a matéria-prima que mais utilizou no sítio aí localizado: quartzo.

Esta matéria-prima, apesar de não ser de tão boa qualidade quanto o sílex, foi tratada, em alguns casos, com grande habilidade. Assim, a técnica de preparação do núcleo por lascamento circundante (que existe em Itaboraí sobre sílex) foi aplicada em Manguinhos sobre o quartzo. Há ainda, lascas orientadas, em quartzo, com bordos paralelos transformados em raspadores.

A relação dos artefatos líticos até agora encontrados, embora não seja muito grande, em virtude de estarmos apenas iniciando os trabalhos de escavação, é muito expressiva. Inclui: choppers, facas e raspadores de vários tipos, inclusive os raspadores laterais em lasca espessa etc. Há também vários núcleos que permitirão a reconstituição das técnicas empregadas na confecção dos objetos.

Na camada de mangue, que aparentemente corresponde ao Pleistoceno Superior (130 mil anos a 11 mil) a pátina dos artefatos é pouco visível, porque aí os materiais foram sempre lavados pela umidade constante da camada.

Na cascalheira, que pertence, como idade, ao Pleistoceno Médio, a pátina é conspícua, brilhante e de modo geral amarelada.

Há nos artefatos encontrados na cascalheira de Manguinhos, uma grande identidade tipológica com os artefatos das cascalheiras do sítio arqueológico de Itaboraí. Aliás, o sítio de Itaboraí integra o que definimos como a *Região Arqueológica de Manguinhos*.

SINGULARIDADE DO SÍTIO

O sítio arqueológico de Manguinhos singulariza-se pela sua incomum abrangência temporal.

A cronologia da ocupação inicia-se por faixas bastante recuadas, como o Pleistoceno Médio (portanto, há, pelo menos, 130 mil anos, na faixa cronológica correspondente ao *Homo erectus*) passa por várias ocupações situadas em faixas mais recentes, como a que corresponde ao antigo mangue (do Pleistoceno Superior), alcança ocupações Tupinambá dos períodos proto-históricos e históricos, atinge uma fazenda do séc. XVIII para, significativamente, desembocar, já nesse

século, na instalação, no local, de um monumento da pesquisa científica no Brasil, que é o Instituto Oswaldo Cruz.

JUSTIFICATIVAS PARA ESCOLHAS DAS ÁREAS DE PROSPECÇÃO

- . SETORES N^{os} 1, 2, 4, 7 e 9. - Áreas inscritas no círculo de ocupação da aldeia, e posterior aldeamento indígena.
- . SETORES N^{os} 3 e 5 - Áreas de potencial econômico indígena. (Moluscos e Madeira).
- . SETOR N^o 6 - Área de entorno do escoamento fluvial indígena.
- . SETOR N^o 8 - Área de entorno do núcleo indígena.

		<u>CONFIRMAÇÕES ARQUEOLÓGICAS ATÉ AGORA OBTIDAS</u>	
PERÍODO - HISTÓRICO	SÉCULO XX	NÚCLEO CONSOLIDADO	1 ^{as} RESULTADOS DO SETOR 2
	SÉCULOS XVI À XIX	FORMAÇÃO DO NÚCLEO URBANO	
	1.500	MOMENTO DE CONTACTO	
PERÍODO PRÉ - HISTÓRICO	PERÍODOS ANTERIORES À 1.500	GRUPOS EM PROCESSO DE SEDENTARIZAÇÃO	
		GRUPOS CAÇADORES	
		GRANDE ANTIGUIDADE	1 ^{as} RESULTADOS DOS SETORES N ^{os} 1, 2 e 4

CAMADAS ESTRATIGRÁFICAS

CAMADA 4

Incidência de artefatos líticos em quartzo, apresentando patina conspicua, brilhante e amarelada.
PERÍODO: pleistoceno médio. (SETORES 1 e 2).

CAMADA 5

Não tendo apresentado, por enquanto, artefatos líticos.
PERÍODO: pleistoceno superior. (SETOR 4).

CAMADA 6

Incidência de artefatos líticos em quartzo, apresentando patina pouco visível associados a material ósseo, analisados e identificados como pertencentes ao Eqqus. (SETOR 4) - pleistoceno superior.

Maria da Conceição de Moraes Beltrão






MARIA DA CONCEIÇÃO BELTRÃO
professora titular de arqueologia - UFRJ, -
coordenadora do projeto Manguinhos-FIOCRUZ.

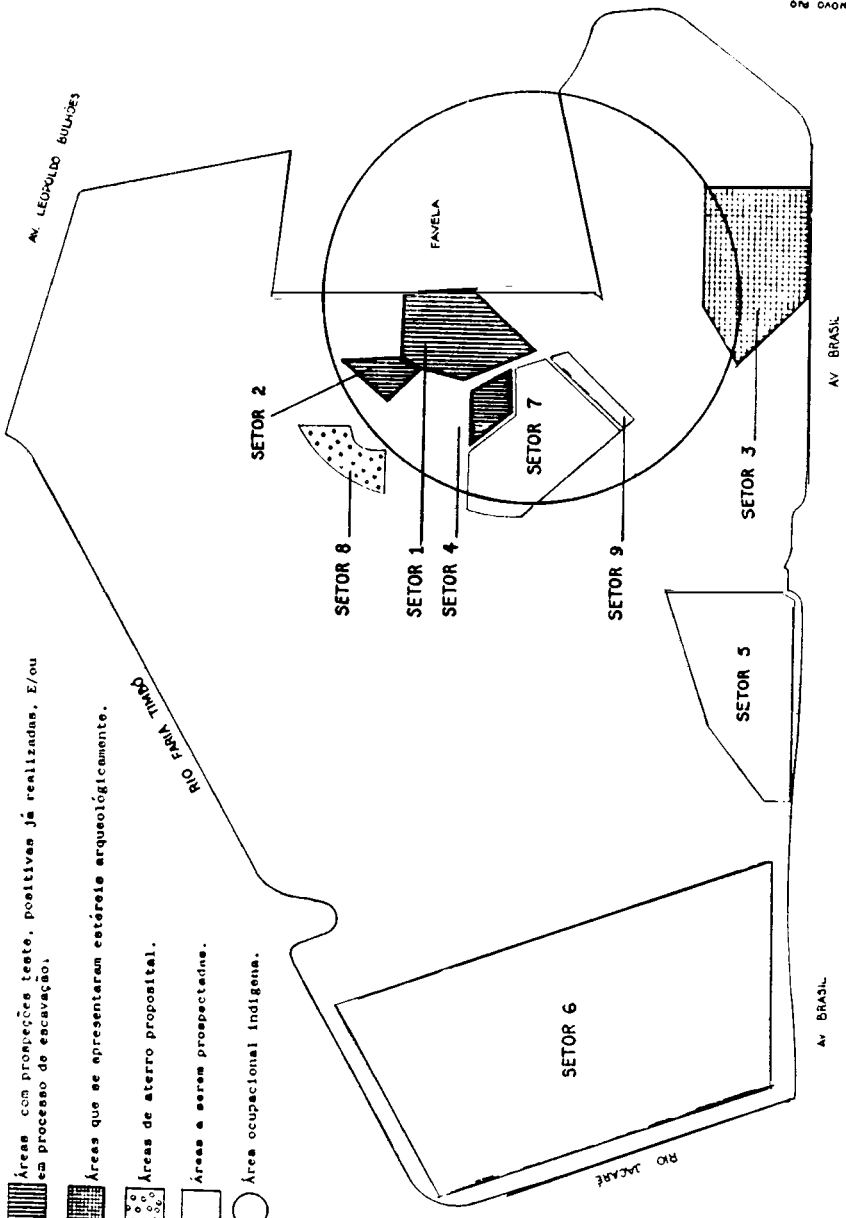
Carlos Otávio de Andrade

CARLOS OTAVIO DE ANDRADE
consultor dos projetos de arqueologia-histórica - UFRJ-consultor do projeto manguinhos FIOCRUZ.

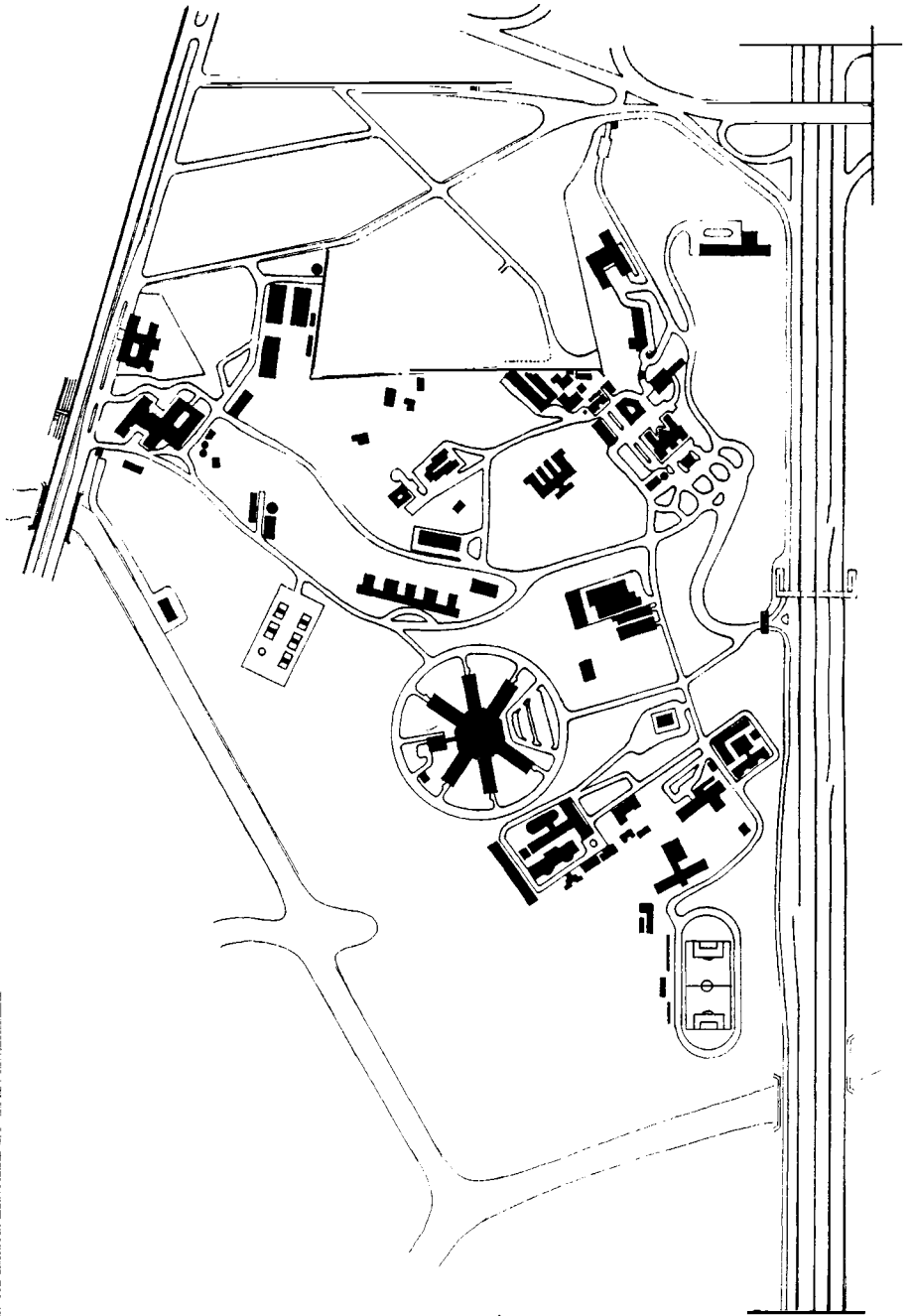
PROJETO MANGUINHOS

LEGENDA

-  Áreas com prospecções teste, positivas já realizadas, E/ou em processo de escavação.
-  Áreas que se apresentaram estereis arqueologicamente.
-  Áreas de aterro proposital.
-  Áreas a serem prospectadas.
-  Área ocupacional indígena.



CAMPUS DA FIO CRUZ



ANÁLISE

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BELTRÃO, M. C. de M. C. E SARCIÀ, M. N. G. — "L'Industrie lithique et la stratigraphie du Site d'Itaboraf (Rio de Janeiro, Brésil). In Resumo das Comunicações do 2º Congresso Internazionale di Paleontologie Umana (28.09 a 03.10.87) Section 4³ *Homo Erectus - Preneandertallens-Homo Sapiens Archaïques*, pp. 174, Torino, Italia, 1987.